

Não é a questão¹

Bruno Latour

Centre de Sociologie de l'Innovation/École des Mines, Paris

Tradução de Gabriel Banaggia (Pós-Doutorando em Antropologia/Museu Nacional)

Revisão técnica de Marcio Goldman (Professor Titular/Museu Nacional)

Ser ou não ser científico não é a questão. Contribuições para o tema desse ano da *AN* [*Anthropology News*], “Ciência e Antropologia”, consideraram a ciência da antropologia como se não existisse nenhuma antropologia da ciência. Longos debates sobre a “cientificidade” da nossa disciplina – se ela deve imitar as ciências naturais, definir-se separadamente, limitar-se a círculos hermenêuticos ou se remodelar enquanto literatura de viagem – implicam que a ciência consiste num corpo de método e rigor que existe inteiramente “por trás das câmeras”. A discussão não reconhece que ao longo dos últimos 20 anos a prática da ciência tem sido cuidadosamente documentada por etnógrafos que modificaram fundamentalmente a definição da prática científica nas ciências naturais – trabalho que esclareceu o que significa ser científico.

Antes que o presente debate possa recorrer às fontes da antropologia da prática científica, precisamos considerar dois obstáculos. O primeiro diz respeito à confiança dos antropólogos em sua própria disciplina; o segundo envolve a ênfase relativa em metodologia em vez de conteúdo em definições de ciência.

Quatro Estágios da Antropologia

Existe na antropologia uma Lei dos Quatro Estágios, que eu chamo de “Lei de Sahlins”, num tributo a Marshall Sahlins. Cada estágio representa uma mudança no equilíbrio relativo entre a antropologia e seu objeto. No primeiro estágio, as culturas do mundo eram resistentes e a antropologia fraca ou mal existindo. No segundo, à medida que a antropologia ganhou impulso, cátedras, periódicos, financiamentos e campos, seu objeto – culturas tradicionais – enfraqueceu e começou a desaparecer. Era como se o etnógrafo – um Rei Midas antitético – tivesse sido amaldiçoado com o dom de transformar tudo em pó. Esse foi o ponto de inflexão de *Tristes trópicos*. À altura do terceiro estágio, a antropologia tinha alcançado o ápice de seu poder, contudo incapaz de suportar a visão desse campo de ruínas e roída pela culpa de carregar “o fardo do Homem Branco”, começou a denegrir

1 Originalmente publicado como *Not the Question* em *Anthropology News*, 37(3):1-5. Mar. 1996.

suas próprias realizações e se desconstruir até a morte. Num rito sacrificial simbólico de expiação, a antropologia sofreu então a própria destruição que pensava ter acarretado a seu objeto em desaparecimento! O pós-modernismo prevalecia.

Estamos entrando agora num quarto estágio, no qual as culturas supostamente em desaparecimento estão, ao contrário, muito presentes. Elas são ativas, vibrantes, inventivas, proliferando em todas as direções, reinventando seu passado, subvertendo seu próprio exotismo, transformando a antropologia tão repudiada pela crítica pós-moderna: “reantropologizando” regiões inteiras da Terra que se pensava fadadas à homogeneidade monótona de um mercado global e de um capitalismo desterritorializado. É nesse quarto estágio que, pela primeira vez, podemos antever tanto culturas fortes quanto uma disciplina forte da antropologia. As culturas recém-reinventadas são robustas demais para que nos demorem sobre nossas infâmias passadas ou no nosso atual desalento. A situação presente precisa de uma antropologia disposta a assumir seu formidável patrimônio e a estender ainda mais suas muitas e valiosas intuições.

Metodologia *versus* Conteúdo

Só que então confrontamos o segundo obstáculo, aquela antiquada teoria da ciência à qual a disciplina se agarra mais vigorosamente até do que a sua estimada culpa. Embora haja discussão considerável sobre o método científico nos livros didáticos introdutórios de ciências sociais, a metodologia nunca aparece nos livros didáticos de ciências naturais como física ou química. Sem dúvida, epistemólogos e filósofos da ciência escrevem bastante sobre “o método científico”, mas os cientistas naturais de modo bem sensato não se dão ao trabalho de lê-los. São só os cientistas sociais que, inseguros sobre seu próprio estatuto científico, levam essas discussões a sério.

O rigor na ciência é mais uma questão de logística do que de método, porque objetividade, certeza e controle só são exigidos quando grandes volumes de dados precisam ser armazenados, transportados, combinados e modelados. “Científico” tem dois significados diferentes: logística, por um lado, e conteúdo, por outro. A ciência encontra-se no seu máximo de produtividade quando define novas agências que compartilham suas vidas com uma comunidade científica. São, então, somente os cientistas sociais que colocam o carro na frente dos bois ao discutir o rigor e a certeza de um fato antes de terem definido as novas agências em exame. Tal retórica metodológica na antropologia faz tanto sentido quanto a construção de uma rodovia com seis pistas de largura e várias centenas de metros de comprimento localizada no meio do nada. Ela seria robusta e “rigorosa”, mas para onde iria levar? Que tipo de tráfego foi projetada para transportar? Essas são as perguntas que têm precedência às dimensões reais da estrada.

Uma vez tendo rejeitado os sonhos inúteis de rigor metodológico, onde fica a antropologia se ela tenta imitar não a pureza daquilo que imagina nas ciências naturais, mas a produtividade real dessas disciplinas – encarnadas nas agências novas que mobilizam? Jamais se adivinharia com base na discussão até o momento na *AN* que a antropologia suscitou, mobilizou, armazenou, documentou, arquivou, compilou, teorizou, montou e modelou mais fatos e agências novos do que muitas das disciplinas supostamente mais “naturais”, “rigorosas” ou “científicas”.

A descrição do kula está em paridade com a dos buracos negros. Os sistemas complexos de alianças sociais são tão imaginativos quanto os cenários evolutivos complexos concebidos para os genes egoístas. Entender a teologia dos aborígenes australianos é tão importante quanto mapear as grandes fendas submarinas. O sistema fundiário trobriandês é um objetivo científico tão interessante quanto a perfuração das calotas polares. Se falarmos do que importa numa definição de uma ciência – a inovação nas agências que aparelham nosso mundo – a antropologia pode bem estar perto do topo na ordem de hierarquia disciplinar.

Celebrem Nossas Realizações

Ainda mais absurdo nesse debate sobre antropologia científica é o fato de que ninguém reconheceu que a antropologia já é uma das mais avançadas, produtivas e científicas de todas as disciplinas – naturais ou sociais. Etnógrafos se desesperam em alcançar aquilo que eles e seus precursores já tinham alcançado: uma redefinição desnorteante dos humanos que povoam o mundo! Imagine um mundo despido de todas as descobertas antropológicas. Que deserto seria sem essa disciplina científica. Só a física se equipara à capacidade da antropologia de gerar uma multiplicidade de agências e híbridos.

O antropólogo carregado de culpa dirá: “Sim, talvez nós acumulamos muitos factóides, mas eles não são científicos o bastante. Eles são muito controversos, imersos em narrativas, dependentes de protocolos incertos e altamente idiossincráticos. Deveríamos ter vergonha de não corresponder aos ideais da epistemologia”.

Uma leitura cuidadosa de etnografias que descrevem práticas da ciência natural acalmaria as preocupações de nossa profissão. Poderia algo ser mais local, idiossincrático, frágil ou coletivo do que a extração meticulosa de dados a partir de uma terminação nervosa por neurobiólogos descrita por Michael Lynch (1985) em *Art and artifact in laboratory science: a study of shop work and shop talk in a research laboratory*? Se você acredita que só antropólogos são apanhados pelo dilema narrativo de sua própria reflexividade, leia a extraordinária descrição da prática matemática por Bryan Rotman (1994), *Ad infinitum: the ghost in Turing machine — taking God out of mathematics and putting the body back in*. Rotman descreve como o matemático textual envia o Agente escravo semiótico para desempenhar cálculos automáticos que ninguém mais tem tempo ou energia para fazer. Existe até uma etnografia comparativa do formalismo no trabalho de Helen Watson sobre a aritmética de aborígenes e colonos australianos brancos. Quanto mais as ciências experimentais, o formalismo e as tecnologias intelectuais são estudados por antropólogos, menos intimidada e mais otimista a antropologia enquanto uma ciência entre as disciplinas científicas deve se tornar.

Antropologia Científica

Agora é possível recorrer ao subcampo da antropologia da ciência para definir o que uma aplicação científica da antropologia deve ser.

Reflexão Positiva

A etnografia da ciência canaliza a reflexividade na prática da antropologia de modo produtivo e comparativo, e para longe da difamação de suas próprias conquistas. Sem dúvida, a prática real da antropologia precisa ser colocada de volta na figura: a construção de museus, a redação de diários, os padrões de financiamento de agências públicas, as estilizações de narrativas, as entrevistas com informantes, até mesmo a passagem de pesquisador de campo a professor titular. Nenhuma dessas descrições enfraquece a qualidade da informação produzida, contudo. A antropologia, juntamente com a biologia, a química, a física, a economia e a estatística, produz uma universalidade sólida o bastante para todos os fins práticos nas ciências.

Integração Mais Ampla

Ao integrar a antropologia a uma comparação mais ampla de todas as disciplinas – naturais e sociais – podemos eliminar a questão do “Observador Externo” que tanto paralisou debates epistemológicos no nosso campo. Não há nada de especialmente frio ou desapaixonado na produção da ciência. Ao contrário, os cientistas experimentais são interessados, próximos de seus objetos e passionais. O que importa na produção de fatos não é o “Olhar Objetivo”, mas que propriedades podem ser mantidas na transformação da informação por meios sucessivos. Mais informação é produzida no transporte de dados das ilhas do Pacífico para a Universidade de Chicago, de lá para as fichas compiladas por Lévi-Strauss em Paris, de volta para o Programa de Doutorado na Nova Zelândia e daí para os textos usados em escolas em todo o Pacífico. Quanto mais mediações, melhor. Isso é tão verdadeiro para a química quanto para a botânica, a psicologia e a etnografia. Acreditar que envolvimento, transformação, adulteração, reformatação e deslocamento enfraquecem a “Ciência Pura” da “Objetividade Pura” é nunca ter visto um cientista praticante trabalhando.

Promoção Política

Por meio das novas história e sociologia das ciências, antropólogos podem aprender os muitos modos por meio dos quais a política, em vez de ser deletéria às ciências, é na verdade benéfica. Ao contrário das reivindicações de epistemólogos que tentam separar a ciência da política e fatos de valores, nenhuma disciplina científica poderia ter sobrevivido tivesse sido esse o caso. O bordão “A ciência é a continuação da política por outros meios” na verdade ajuda a ciência porque insiste nos outros meios necessários para edificar uma sociedade. Argumentar em 1996 que a ciência é uma fortaleza que só poderia sobreviver se fosse mais insulada da sociedade mais ampla – e que a antropologia está maculada por conta de seus inúmeros vínculos com o coletivo maior – é mais do que um pecado, é um absurdo. Tal raciocínio ignora a história das ciências naturais, na qual ciência não ocorre como um corpo estranho no interior de uma cultura; é parte integrante do coletivo.

Redefinição Moderna

Finalmente, a base comparativa oferecida por uma antropologia de todas as disciplinas científicas proporciona uma nova perspectiva sobre a questão do que é ser uma ciência natural ou social. Se a antropologia é o estudo de culturas, ela cobre somente uma parte ínfima de seu programa se deixa a natureza fora de sua alçada. Isso inclui o caráter irrefletidamente extraterritorial, extrassocietário, extrapolítico concedido à natureza pelo eu Ocidental em seu entendimento de sua história. As etnociências tomam uma forma completamente diferente quando começam a incluir a física, a química, a botânica, a alta tecnologia e a medicina. Não estudamos mais sistemas de crenças, mas também sistemas de verdades, nos quais a própria noção de crença evapora, revelando um novo campo que eu chamei de “antropologia simétrica”.

Ser ou não ser científico não é a questão. Ao invés de assumir essa postura defensiva, creio que é muito mais produtivo ser ofensivo em todos os sentidos da palavra – e incluir tanto as ciências naturais quanto as sociais nos campos habituais da antropologia. É aqui que as próximas descobertas da antropologia estão, e aqui que – de acordo com a Lei de Sahlins – podemos finalmente ser úteis a nossos objetos.

* * *

[Treinado primeiro como filósofo e posteriormente como antropólogo na Costa do Marfim, Bruno Latour passou a estudar cientistas, engenheiros e inovadores em geral. Recentemente ele publicou We have never been modern (1993), sobre a noção de uma antropologia simétrica que incluiria ciência, e Aramis or the love of technology (1996), que detalha a vida e desapareição de um sistema automático de metrô. A antropologia da ciência é parte de uma comunidade mais ampla chamada de “estudos de ciência” que inclui historiadores, filósofos, sociólogos, psicólogos e economistas de ciência e tecnologia. Latour remete os leitores interessados aos livros de Sharon Traweek Beam times and life times: the world of high energy physicists (1988) e A pickering’s science as practice and culture (1992). Latour gostaria de agradecer a Monique Stark por gentilmente corrigir seu inglês no original deste texto.]

Recebido em 25 jan. 2016.

Aceito em 25 jan. 2016.